



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**CONTESTAÇÃO E CRISE NA REPÚBLICA VELHA: A COLUNA PRESTES
EM PIANCÓ-PB, UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Nadja Mayelle Inácio Mangueira

CAJAZEIRAS-PB

2014

NADJA MAYELLE INÁCIO MANGUEIRA

**CONTESTAÇÃO E CRISE NA REPÚBLICA VELHA: A COLUNA PRESTES
EM PIANCÓ-PB, UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Monografia apresentada à disciplina TCC, do curso de Licenciatura em História, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em História.

Professor Orientador: **Prof^a. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa**

CAJAZEIRAS-PB,

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M277c Mangueira, Nadja Mayelle Inácio

Contestação e crise na República Velha: a coluna Prestes em
Piancó- PB, um estudo bibliográfico. / Nadja Mayelle Inácio
Mangueira. Cajazeiras, 2014.

52f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. História da Paraíba – Coluna Prestes. 2. Coluna Prestes –
Piancó - PB. 3. Luiz Carlos Prestes - história. I. Sousa, Silvana
Vieira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –94(813.3)

NADJA MAYELLE INÁCIO MANGUEIRA

**CONTESTAÇÃO E CRISE NA REPÚBLICA VELHA: A COLUNA PRESTES
EM PIANCÓ-PB, UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Silvana Vieira de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande- Cajazeiras
Orientadora

Prof^a Dr^a Maria Lucinete Fortunato
Universidade Federal de Campina Grande- Cajazeiras
Examinador

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira
Universidade Federal de Campina Grande- Cajazeiras
Examinador

Prof. Esp. José Antônio de Albuquerque
Universidade Federal de Campina Grande- Cajazeiras
Suplente

Dedico esse trabalho monográfico a Deus, e aos meus pais Leoni de Sousa Mangueira e Maria Ediuza Inácio Mangueira, por terem sido mais que meus amigos e companheiros fieis de todas ás horas.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela forte presença e pela força durante toda minha vida, sem ele eu nada seria, pois sempre me guiou, me deu força, coragem nas horas difíceis (que não foram poucas) sempre me proporcionado, fé para vencer mais uma conquista.

Aos meus pais Leoni e Ediuza e a minha irmã Nallyana pela compreensão, apoio, carinho e força para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Obrigado meus pais pela capacidade de acreditar em mim e investir em mim. Mãe, obrigado pelos seus cuidados pela sua preocupação e dedicação isso foi fundamental, pois me deram a esperança para seguir. Pai a sua presença não só nesse período, mas durante toda a minha vida, significou e significa sempre a segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada, vocês sempre foram e serão minha base, pois me mostraram as dificuldades que agente encontra pelo caminho para conseguir o que queremos.

Ao meu noivo Ananias Filho, pessoa que amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais viva de verdade. Obrigada pelo amor, carinho dedicação e incentivo que tens me dado em todos os momentos.

Aos meus colegas da graduação pela amizade, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, pela força e carinho e companheirismo que conquistamos ao longo desses anos.

A todos os professores da graduação pela participação em minha vida me proporcionando sempre novos conhecimentos.

A minha orientadora Silvana Vieira de Sousa, por todas as informações trocadas, por todo apoio paciência e dedicação.

Agradeço também a todos aqueles que me criticaram e acharam que eu não era capaz de chegar ate aqui. Pois bem, isso só me serviu de incentivo pra chegar e mostrar o meu melhor!

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram na construção deste trabalho.

Muito obrigada!

“Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo... mas é necessário ter pessoas para transformar seu sonho em realidade...”.

Walt Disney.

RESUMO

O presente trabalho aborda a história da passagem da Coluna Prestes no município de Piancó-PB. Inserida no contexto da Primeira República do Brasil, a Coluna foi um movimento dos tenentes que em Marcha pelo Brasil foram liderados pelo então tenente Luis Carlos Prestes, incitando inquietações e revoltas na população e causando temor e instabilidade nas autoridades. Mapeada no interior da Paraíba, Piancó-PB foi uma das cidades interioranas atingida tragicamente pela passagem da coluna. Tragédia ocasionada por uma série de fatores, dentre os quais se destacou a participação do Padre Aristides Ferreira da Cruz como uma das principais vítimas do embate. Assim, nosso objetivo destinou-se ao estudo da história da Coluna Prestes na Paraíba e especificamente focar essa passagem conflituosa na cidade de Piancó-PB. Trata-se de um estudo e discussão bibliográfica no qual buscaremos destacar os aspectos que consideramos importantes na literatura e apontar relevâncias de outros aspectos de pouco destaque na historiografia, mas que a nosso ver merece uma melhor apresentação. Para tanto, alguns autores nos subsidiaram, dentre os quais citamos: (CARONE, 1974), (FERREIRA, 1993), (LEOCADIA, 2007), (CAVALCANTE NETO, 2012) (OTAVIANO, 1979) e (PRESTES, 2007). Assim, pesquisamos a interface entre a história da Paraíba nos primeiros anos da Primeira República e o legado dos fatos que marcam até hoje a identidade de Piancó-PB a partir desse acontecimento. O interesse em se trabalhar essa temática partiu da necessidade de se ter e se dar um incentivo à ampliação sobre os estudos relacionados à participação de Piancó, enquanto cidade interiorana do Estado da Paraíba, em um dos maiores conflitos ocorridos na República Velha – conflito este que deu marca e visão na história da política e dos movimentos sociais no Brasil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	10
CAP. I- POLÍTICA E SOCIEDADE NA PARAÍBA REPUBLICANA 1889 A 1920. -----	13
1.1 - A política e os políticos de Piancó-PB dos anos de 1910-1920-----	17
CAP. II- A CULUNA PRESTES NO BRASIL E NA PARAÍBA -----	22
2.1- Formação e atuação da Coluna Prestes no Brasil-----	22
2.2- Atuação da coluna prestes na Paraíba-----	26
CAP. III- MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DO PADRE ARISTIDES NO CONFLITO DOS PIANCOENSES COM A COLUNA PRESTES -----	33
3.1- O conflito em Piancó -----	40
3.2- O desfecho: violência e mortes -----	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	48
REFERÊNCIAS -----	51

INTRODUÇÃO

Um capítulo especial da história política do Brasil do século XX diz respeito à onda de contestação e crítica social desencadeada pelo corpo de tenentes no movimento que ficou inscrito na memória e conhecido pela história como Coluna Prestes, denominação esta em homenagem ao líder do movimento o tenente Luiz Carlos Prestes. A ação da Coluna se insere no contexto das querelas e disputas políticas dos primeiros anos da República. Período que parte da historiografia denomina de República Velha. Esse movimento teve como protagonistas os tenentistas e os militares que expressaram por meio da insubordinação, o descontentamento, o desprazer com a política e a situação do povo. Tal insatisfação impulsionou os jovens oficiais de baixa e média patente do exército brasileiro à luta armada, buscando a conquista do poder e o encaminhamento de reformas na sociedade brasileira.

Pregavam reformas na educação pública e o fim da corrupção eleitoral; queriam a implantação do voto secreto, fazendo assim, uma justiça eleitoral autônoma e honesta. Nesse momento de crise a República Velha tem seus problemas agravados pelo desfecho político, quando do final do governo de Washington Luis, Julio Prestes é indicado para substituí-lo gerando profundo descontentamento a população em geral.

O agravamento da crise econômica deu origem a grandes movimentos, principalmente à revolução de 30. Com o fracasso inesperado dos movimentos seus líderes resolveram então se unir e, assim formaram a grande Marcha dos tenentes percorrendo os vários Estados do Brasil¹. Ao passar na Paraíba e em particular no município de Piancó, a Coluna Prestes provocou agitações e padecimento de moradores, quando envolvidos na resistência organizada pelo político e sacerdote do município, Padre Aristides Ferreira da Cruz tiveram, desencadearam um conflito armado de grande proporção e com várias mortes.

¹De acordo com PRESTES (2007) A Coluna Prestes traçou um percurso muito longo, os rebeldes militantes do movimento percorreram cerca de 25 mil km pelas cidades interioranas do Brasil. O núcleo fixo trazia cerca de 200 homens, no entanto em diversos ocasiões da marcha o movimento contabilizou no total cerca de 1400 pessoas engajadas. (militares e simpatizantes do movimento).

Este trabalho tem por objetivo estudar a história da Coluna Prestes na Paraíba, especificamente falar sobre os acontecimentos que colocaram em combate os tenentes da Coluna com os moradores da cidade Piancó-PB quando da passagem da coluna pela mesma, resultando em mortes e desafetos. Sobre essa história buscamos destacar aspectos considerados importantes na literatura e apontar outros aspectos de pouco destaque na historiografia, mas que a nosso ver merece uma melhor apresentação.

Dessa forma, pesquisaremos a interface entre a história da Paraíba nos primeiros anos da Primeira República e o legado dos fatos que marcam até hoje a identidade da cidade de Piancó-PB. O interesse em se trabalhar o tema deste trabalho partiu da necessidade de se ter e se dar um incentivo à ampliação sobre os estudos relacionados à participação da cidade de Piancó-PB, enquanto cidade interiorana do Estado da Paraíba, em um dos maiores conflitos políticos ocorridos na República Velha – conflito este de repercussão em toda história do Brasil.

Optamos, para tanto, pela revisão bibliográfica sobre o tema, uma vez que se mostrou inviável a realização da pesquisa de campo em tão curto espaço de tempo, já que por motivos operacionais tivemos que mudar o foco da pesquisa nos primeiros meses de trabalho.

Entendemos que a revisão bibliográfica tem papel fundamental, uma vez que reporta e sistematiza o conhecimento produzido por outras pesquisas, ao tempo que indica possibilidades de abordagens futuras. A metodologia utilizada está baseada em levantamento a partir de dados bibliográficos e documentos relacionados à temática da Primeira República. Além dos livros, utilizamos e analisamos nos três capítulos do TCC, foram agregadas informações obtidas em artigos dispostos em sites eletrônicos para subsidiar o trabalho.

Foi consultada a literatura pertinente ao assunto, dos quais referenciamos autores, como: (CARONE, 1974), (FERREIRA, 1993), (LEOCADIA, 2007), (CAVALCANTE NETO, 2012) (OTAVIANO, 1979) e (PRESTES 2007). Tais autores são pioneiros na discussão e, portanto importantes no campo do debate historiográfico sobre a temática.

Em três capítulos distribuímos a discussão e organização do trabalho. No primeiro capítulo, intitulado **Política e sociedade na Paraíba republicana 1889 a 1920**, apresentamos a discussão sobre o contexto político e social da

Paraíba no período republicano, mostrando como se encontrava a sua conjuntura, como se dava as formas de governo e as condições vividas pelo povo no interior do Estado, especificamente na pequena Piancó.

No segundo capítulo, intitulado **A Coluna prestes no Brasil e na Paraíba**, discorreremos, inicialmente, sobre o contexto do Brasil no fim do século XIX e no início do século XX, pelo qual se travava vários conflitos oriundos da crise estrutural (social, política, ideológica, cultura e econômica) ocorrida na Primeira República. Assim, nos pautamos sobre as questões da Coluna Prestes como um dos maiores movimentos desse período. Mostraremos, assim, como a Paraíba esteve envolvida dentro desse contexto e como ocorreu a passagem da Coluna Prestes pelo referido Estado.

No terceiro e último capítulo, intitulado **Memória e História da participação do Padre Aristides no Conflito dos Piancoenses com a Coluna Prestes**, mostraremos como aconteceu o conflito e o desfecho da Coluna Prestes quando em passagem pela cidade de Piancó e, como se deu a participação do Padre Aristides nesse episódio marcante da história, sob a perspectiva de fazermos uma revisão bibliográfica com o objetivo de pontuar e ressaltar aspectos da história de resistência dos piancoenses à Coluna Prestes, questão pouco trabalhada pela historiografia.

Por fim, e como objetivo desse trabalho, almejamos contribuir com mais um registro bibliográfico da história política sob a perspectiva das relações de poder no município de Piancó-PB em nível local e da Paraíba em nível geral.

CAPITULO I: POLÍTICA E SOCIEDADE NA PARAIBA REPUBLICANA 1889 A 1920

Entre os anos 1889 a 1920, na Paraíba e no Brasil como um todo, se experimentava os sabores e dessabores do recém-instituído Estado Republicano. A estrutura de poder, suporte do modelo arranjado de República, fincava base em uma política de articulação entre o local e o nacional pelas vias dos arranjos, das manobras. Tratava-se do federalismo republicano que nada mais é que um campo de trocas de interesses entre os senhores locais e as autoridades centrais. O poder dominante da época estava, assim, se constituindo em controle e domínio das políticas locais pelos coronéis e oligarquias no controle do Estado. Tratava-se da chamada República Oligárquica que pendurou sobre um longo período, caracterizando-se como uma forma independente de “poder dos coronéis”.

O Estado Oligárquico se caracterizava pela sua extensa concentração no poder, sobretudo, nas zonas mais debilitadas, como as zonas rurais, dominadas pelos grandes proprietários de terras e riquezas. O domínio econômico gerava também, a concentração do poder nas mãos de poucos, bem como tornava as poucas políticas públicas existentes, um meio de assistencialismo e troca de favores entre coronéis, políticos e o povo. O povo, nesse sentido, era a vítima maior.

Sobre essa temática, e mais especificamente sobre a política coronelista na Paraíba já se tem uma vasta literatura.² A partir desses estudos, considera-se que o coronelismo, apesar de se caracterizar por uma forma de poder, não se tratava de uma forma de Governo, mas, o poder e domínio de senhores com grandes influências sobre homens e mulheres menos favorecidos e dependentes de seus “favores”; de suas terras para trabalharem e sobreviverem. Esses senhores coronéis mantinham-se influentes em seu meio, pela fabricação de autoridades políticas que poderiam favorecer o aumento de suas posses, escolhendo e elegendo-os para cargos e cadeiras no parlamento aos quais se candidatavam.

² Destaco aqui os estudos de Jose Octavio, Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Maria de Lurdes M. Janotti, Raimundo Gonzaga Pereira e Et al.

Sobre a denominação “Coronel”, podemos considerar, segundo o Dicionário Aurélio:

s.m. Oficial superior do exército cuja graduação é imediatamente inferior à de general-de-brigada. (Compete-lhe teoricamente o comando de um regimento.) / Bras. Chefe político ou latifundiário do interior do país. / Bras. Pop. Homem, geralmente dotado de posses, que se encarrega do sustento de sua amante. (FERREIRA, 2010, p.187)

Verifica-se que o termo coronel foi atribuído no período republicano especificamente aos homens “grandes” proprietários de terras e detentores de grandes influências.

Nos primeiros quarenta anos da república na Paraíba, dois chefes oligarcas se destacaram por exerceram grandes influências na Região: Álvaro Machado e Epitácio Pessoa. Eles se destacaram nessa política de influências por apresentarem marcas de força na política paraibana e, porque não dizer da política nacional, uma vez que este se expandia por todo território brasileiro.

Os coronéis paraibanos eram grandes proprietários de terras, homens que acumularam riquezas, extraíndo-a da terra com base, principalmente, na cana de açúcar, algodão e criação de gado. Como cidadãos aproveitavam e se beneficiaram através de manobras para manipular as administrações públicas das quais faziam parte.

[...] o governo paraibano quase sempre adotava medidas favoráveis aos coronéis. Estes como chefes enquanto locais controlavam as eleições através dos currais eleitorais e dos apadrinhamentos. (FERNANDES, 2011, p. 95)

Empenhados na fabricação de manobras políticas que os favorecessem, os coronéis mantinham o seu “eleitorado” a mercê de suas ordens. A população era obrigada a votar no candidato apontado por ele. Cada chefe político tinha seu reduto eleitoral. Dessa forma, vale salientar que os coronéis controlavam dois grandes grupos: o povo e os políticos. De um lado o povo porque de alguma forma se encontrava a mercê destes homens poderosos, fosse por empregos, fosse por medo. Do outro lado os políticos que deviam favores aos coronéis e precisavam cumprir suas ordens para continuar seus aliados.

A preservação da estrutura coronelista se dava por meio de “parentela”, pois o coronel além de ser pessoa de extrema confiança do Governo dominante e autoridades no geral, dava a sua palavra comprometendo seu fiel empenho e de sua família à campanha eleitoral, juntando e somando votos. Em muitos casos o candidato eleito era o próprio coronel, este que poderia passar seu “trono” no Governo para alguém de confiança familiar, para se dirigir ao exercício de outros cargos Federais ou Estaduais.

Neste sentido de acordo com FERREIRA (1993), o sistema político da Primeira República se dava por meio da oligarquia, a prática desse sistema era enraizada em interesses particularizados entre famílias e pessoas de apreço dos dominantes do poder.

Segundo SOUZA, (1976, p. 163):

O termo oligarquia, em seu sentido etimológico, significa que a autoridade se concentra nas mãos de poucas pessoas, podendo estas pertencerem ao mesmo partido, classe social ou família. No caso brasileiro, o sistema oligárquico se fundamentou na estrutura familiar e na classe dos proprietários de terra. Suas raízes se encontram no Brasil colônia, com a força do núcleo familiar detentor de grandes extensões de terra e exercendo inúmeros cargos administrativos. Com a formação do Estado Nacional, esses núcleos familiares passaram a merecer a denominação de oligarquias, apesar das tentativas do Estado centralizador de reduzi-las o poder regional através da indicação pessoas, pelo Imperador, dos Presidentes de Províncias. Porém, na maioria das vezes, estes se vinculam aos chefes políticos locais.

Assim, a política local dos municípios do Estado da Paraíba foi marcada por disputas políticas entre famílias que se mantiveram, em algumas situações, divididas por muito tempo, durante um percurso de costura e instauração de novas alianças e novos laços familiares, fato que possibilitava mudança do “chefe” local anterior pelo novo chefe saído desse arranjo familiar. De tal modo, o acordo familiar entre o coronel e a família resulta num tipo de poder patrimonialista – que se caracteriza como “Uma política fundamentada no controle de espaços localizados por famílias dominantes que administravam o governo de acordo com seus interesses econômicos” (LEWIN, 1993, p. 282).

Em estudo sobre a política nas primeiras décadas da Paraíba republicana, SOUSA MARTINS, 1981, informa:

O eleitorado de um coronel ou de chefe político como constituído pelos seus clientes. (...) o clientelismo político, a patronagem tinham basicamente raízes na clientela econômica. (SOUSA MARTINS, 1981, p. 46-47).

Como observa o autor, por meio do poder econômico, os coronéis encontraram na política um meio de governar sem que para isso se fizesse necessário muito empenho na aquisição do eleitorado. Assim, os políticos comandavam, pois muitos coronéis além de serem grandes proprietários de terras, faziam parte de outros cargos que compunham a sociedade da época: médicos, tabeliães, comerciantes, padres, advogados etc., ao exercer essas funções muitos coronéis geravam grandes alianças e meios de dependências dos seus subordinados que desses serviços necessitavam, o que lhes garantia apoio político futuro.

De acordo com SOUSA MARTINS (1981), os coronéis além de serem geralmente grandes fazendeiros, eram ou poderiam ser também comerciantes que negociavam com os produtos agrícolas da região comprando a produção dos sítiantes, dos moradores e agregados de uma área. Ao mesmo tempo tinham estabelecimentos comerciais com tecidos, secos e molhados, ferramentas, etc. Os clientes do coronel eram geralmente seus clientes políticos, incluindo nesse elo os pequenos comerciantes que se colocavam sob sua tutela política.

Sob o comando dos coronéis³, os eleitores não podiam votar de forma livre e democrática, pois o sistema eleitoral baseava-se no voto aberto que possibilitava à violenta interferência dos chefes políticos, sendo estes os coronéis. As pessoas votavam, mas não sabiam, de fato, quem cumpria o mandato, visto que por trás de um político estava um coronel. E as ordens dadas por ele eram seguidas a todo custo, pois se não fossem, o seu aliado

³ Sobre o coronelismo como uma política de compromissos, ver JANOTTI, Maria de Lourdes. O Coronelismo: uma política de compromissos. 8ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1981.

político perdia a afeição de seu cabo eleitoral sendo este trocado imediatamente por outro.

Podemos dizer que a Paraíba quando vítima do coronelismo, não era diferente dos demais estados da federação, como já dito no início deste capítulo. Havia grupos coronelistas com seus “currais” eleitorais que detinham todo o poder local dos municípios apoiados pelo governo do estado e tinham à autoridade de mandar e desmandar em quaisquer situações dentro do município. Assim, demandava-se um tipo de política de favores e de compromissos. Em outras palavras, parafraseando um dito popular: manda quem pode e o obedece quem tem juízo. Como revela alguns estudos imperava a farsa e os arranjos:

A análise da política paraibana, na primeira República, por exemplo, revela-nos a estruturação de uma farsa representativa, no sentido da não legitimação popular das eleições e de uma conformação de forças particularizadas, cuja base política foi à parentela. Os arranjos do poder, foram estruturados de modo a atender aos interesses dos grupos de maior influência e representatividade na política nacional do compromisso e o Estado, inegavelmente, esteve presente só que atuando de modo a favorecer a base política da oligarquia dominante. (NETO, 2012, p.89.)

É importante frisar que nas pequenas cidades da Paraíba e em diversas cidades do Estado Nacional, muitos municípios tinham como chefe local além dos proprietários de terra e gado e prósperos comerciantes, e os sacerdotes que cumpriam duplicidade de papéis atuando nos cargos de chefes locais e como autoridades religiosas, como é o caso da política em Piancó e ação do sacerdote, Padre Aristides Ferreira da Cruz que passamos a acompanhar nos capítulos seguintes em função de sua história de ação e reação à coluna prestes em Piancó.

1.1 A política e os políticos de Piancó dos anos de 1910-1920

Piancó, município da Paraíba nos anos 1910 a 1920 vivenciava um contexto político e social comum às demais cidades interioranas do Brasil na época da primeira República brasileira. O município era pacato, antigo, pobre,

pois não tinha investimento e era mantido pela opressão dos coronéis, trazendo em seu histórico uma trajetória de conflitos. Em sua historia inicial o processo de construção da sua política foi marcado pelo poder das oligarquias, domínio dos coronéis.

Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Piancó possui 15.465 e sua área territorial é de 564 km². Sem embargo do seu território pequeno, Piancó é destacada, por além de ser o marco da passagem da Coluna Prestes na Paraíba, é uma cidade bandeirante⁴. Cidade em que foi tombado o corpo de Domingos Jorge Velho – maior bandeirante/sertanista de todos os tempos.

A vila de Piancó foi por muito tempo dirigida pela família Leite que exercitava anos após anos uma política de heranças familiares. Segundo Manuel Otaviano:

A família leite, cujo predomínio político e decantada abastança encadeavam perto de duzentos anos, no vasto e falado município, era a única força dominante da terra que por muito tempo foi conhecida como a Vila Velha de Santo Antônio de Piancó. (OTAVIANO, 1979, p. 50)

Dessa forma, a política em Piancó não se caracterizava apenas por interesses políticos e partidários, mas sempre, acima de tudo, por alianças familiares, ou seja, sempre teria que haver nessas sociedades o domínio da parentela, por que até aqui o que se visava era o status que à família dominante teria que ter diante da sociedade da época.

De acordo com o historiador Otaviano (1979), a população da Vila vivia a mercê dos chefes políticos dirigentes do Município nomeados pelo Governo do Estado que tinham o poder de fazer e desfazer o que quisessem em seu território, muitas pessoas chegavam até a ir embora pelo fato das perseguições e do abuso de poder existente na política coronelista local.

⁴ Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda de acordo com o mesmo autor, muitos dos políticos municipais se preocuparam mais com seus caprichos do que com a população do município e se deslocavam pra fazer suas moradas nas capitais, como em João Pessoa e Rio de Janeiro. Assim sendo, preferiam governar de longe fazendo com que o município continuasse atrasado e sem nenhuma perspectiva de desenvolvimento.

Padre Aristides Ferreira da Cruz esteve inserido nesse contexto e atuou nesse cenário como homem que esteve à frente da religião e da política da Vila de Piancó. Padre Aristides chegou à Piancó aproximadamente no ano de 1902 e passou mais de 10 anos vivendo injunções políticas e lutando pelas pessoas desprovidas de instrução religiosa e de proteção política. Estando a par da situação pela qual vivia a população de Piancó, população esta que sofria ameaças e perseguições da família Leite, padre Aristides resolveu combater a prepotência do poder local, usando do seu próprio poder de autoridade eclesial e figura popular para se engajar na política de Piancó de “corpo e alma”. Para essas considerações, de acordo com Edgar Carone:

A campanha foi engrossando, tomou caminhos diversos, chegou ao auge de calúnias e perseguições incontáveis, ate que ele, de temperamento indomável, apaixonado, genista, caprichoso, lançou Mão da política como arma de defesa e de vingança contra seus poderosos inimigos. (CARONE, 1979, p.57).

De acordo com os rumos que a política da época tomava, a sociedade começou a ver essas mudanças, pois, de um lado existia um padre que queria lutar por uma população que não tinha qualquer conhecimento sobre seus direitos e deveres, e de outro existia a família Leite que pretendia continuar dominante com sua política de mandonismo por muito tempo. Vivendo nessa gangorra de conflitos dos partidos políticos, a população em função de apresentar certo conformismo, passa a rejeitar a disposição política do Padre Aristides em lutar pelos seus direitos, aderindo e apoiando a política do conhecido coronel Dr. Felizardo Leite. Essa atuação é reforçada pelo temor que os povos apresentam em se colocar contrários ao domínio dos senhores locais e, assim, sofrerem represálias e perseguições como era comum quando isso acontecia. Segundo Carone (1979, p. 67)

Todo o Piencó que obedecia a orientação política de Dr. Felizardo Leite rebelou-se contra Padre Aristides. Pouquíssimos os que se afastaram de suas vistas e se acocoraram sob a batina do destemido sacerdote.

Conforme reforça o autor, o povo temia vinganças de seus chefes políticos, principalmente porque a população da época era composta de pessoas pobres que não tinham outra renda a não ser o trabalho na terra de seus senhores, que lhes ofereciam pequenas feiras alimentícias em troca do seu apoio ao chefe local.

Padre Aristides lutava sem medir esforços para conseguir salvar o município do modelo conservador, mas sempre era repreendido. Temendo a tomada do poder pelo excelentíssimo padre, o Dr. Felizardo Leite tenta tirar o padre do seu caminho enviando cartas com inúmeras e graves acusações sobre sua vida à autoridade diocesana.

Como ainda observa Carone em seu estudo, os poderosos de Piencó usaram essa arma para afastar o padre do município, mas isso não fez com que o mesmo abandonasse o terreno de luta política. Padre Aristides continuou com sua incansável luta. Todavia, Piencó cada vez mais se tornava um município onde o predomínio do poder oligárquico fazia morada, sem data prevista para dar lugar a novas idéias políticas. Como resultado dessa disputa política e dessa perseguição, aconteceu o afastamento do Padre Aristides de suas atividades religiosas já que fora suspenso pela autoridade eclesiástica. Para o seu lugar foi nomeado o novo padre Elizeu Diniz, este durou pouco na atividade sacerdotal por não suportar a arriscada rivalidade política:

Padre Elizeu Diniz não tolerava a tempestade que sacudia o velho riachão sertanejo. Rompeu com o situacionismo, abandonou a paróquia e voltou para Triunfo. Apesar de ótimo sacerdote, padre Elizeu tinha um temperamento nervoso, anti político e desafeto a lutas partidárias, de nenhum modo se adaptou ao meio fumegante. (CARONE, 1979, p. 67).

Assim, em função dos constantes conflitos, nenhum padre chegava a Piencó para assumir a paróquia. Entrava e saía padres constantemente, nenhum demorava, pois a Vila tinha se transformado em praça de guerras por disputas políticas comandadas pela oligarquia da família Leite.

Dessa forma, a política do município de Piancó nos anos de 1910 a 1920 esteve pautada por uma ação mandonista suja e sangrenta. Prevaleceu o poder conservador de uma família que sempre visava o status social e poder local fazendo a população pobre sofrer injustiças e, muitas vezes, pagar caro por desobediências à ordem local e ao seu poder.

Segundo Carone (1979, p. 70) “A chamada oligarquia dos Leites em Piancó vinha governando o histórico município, com chicote na mão impondo o quero, posso e mando, como quem governa uma senzala de escravos.”

Assim, foi em meio a esse contexto social e político de domínio dos coronéis e conflitos locais que se assistiu em Piancó, cenas de poder e disputa que colocou o município na rota da Coluna Prestes através da ação do Padre Aristides que buscava desde antes, em toda a sua atuação no município pregar a liberdade para derrubar o poder absolutista dos Leites.

Sempre derrotado nas eleições locais, porque o predomínio e o poder dessa corrente era muito forte, se manteve numa posição ideológica-política opositora. Era pessoa de extremo respeito, sempre buscava conquistar seu objetivo que era “salvar” o povo da política dos Leites, segundo o que preceitua as referências documentais do historiador Otaviano.

Nunca chegou a dirigir o município como queria, mas estava presente no contexto político de Piancó arrastando grupos de pessoas na sua política liberalista⁵. Em conseqüência dessa sua constante inserção e atuação na vida cotidiana e na política ferrenha de Piancó e da província deu-se o seu assassinato ocorrido durante a passagem do movimento “Coluna Prestes” no referido município, quando se colocou como aliado do Governo Federal da época Washington Luiz, do contrario a marcha que pregava a oposição da população a esse governo. História esta que faz parte do nosso objeto de estudo e sobre a qual falaremos mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

⁵“O sistema político da Primeira República era formalmente liberal, mas na prática funcionava oligarquicamente, com a hegemonia dos Estados mais fortes na economia nacional” (SOUZA, 1976, p. 163).

CAPITULO II- A COLUNA PRESTES NO BRASIL E NA PARAÍBA

2.1- Formação e atuação da coluna prestes no Brasil

No início da década de 1920 crescia o descontentamento social contra o tradicional sistema oligárquico que dominava a política brasileira. Esse descontentamento era notado entre as populações das grandes cidades, que não estavam sujeitas as pressões dos coronéis. Essa insatisfação atingiu também as forças armadas da época, ou seja, militares (tenentes), estes foram quem assumiram a liderança do partido de oposição da época. Assim, segundo Anita Prestes (2007, p. 01).

Diante da grave crise estrutural (econômica, social, política, ideológica e cultural), que abalava a República no início dos anos 20- “crise do pacto oligárquico” estabelecido entre os grupos oligárquicos dominantes -, os setores médios mostravam-se insatisfeitos com a falta de liberdade e as limitadas possibilidades de influir na vida política. Predispunham-se à revolta e a apoios à ações radicais contra o poder oligárquico. Faltava-lhes, contudo, organização e capacidade de arregimentação para assumir a direção do movimento de rebeldia contra o poder oligárquico estabelecido. (...) foi nesse contexto de ausência de forças sociais e políticas capazes de capitalizar o clima de rebeldia existente - principalmente por parte das populações urbanas em todo país, transformando o descontentamento generalizado em ação política contra os grupos dominantes que os “tenentes” assumiram o papel de destaque.

Nesse contexto, o movimento Tenentista, assim como outros movimentos reivindicantes ocasionados na Primeira república, esteve encravado no conjunto de manifestações políticas da década de 1920, visto que o distintivo ideal da luta dos tenentes consistiu no fato deles terem alcançado a atenção de todo o Brasil, sobretudo, a partir do levante ocorrido em 1924⁶

⁶ Derivado do levante Copacabana (05/07/1922), o levante de 1924 faz parte do contexto do movimento tenentista. Aconteceu em São Paulo e foi organizado pelo General Isidoro Dias Lopes. No movimento estiveram presentes aproximadamente 1000 homens marcando pontos estratégicos. Esse movimento objetivava tirar do poder o presidente Arthur Bernardes.

O escopo do movimento tenentista era possibilitar modificações extensas no modelo de Estado vigente no período da Primeira República. Muito além de uma contestação de caráter provincial, as idéias Tenentistas desejavam batalhar contra os “vícios e desvios” inventados pelas velhas elites oligárquicas dominantes até então.

O movimento Tenentista foi à conjugação dos problemas internos e externos dos militares e, em especial, tiveram papel privilegiado no início do movimento às questões relativas à institucionalização do Exército durante essa época. O crescimento da influência das Forças Armadas durante a República permitiu uma substancial mudança de comportamento da sociedade em relação ao exército. (CARVALHO, 2005, p.120).

De acordo com as colocações do autor supracitado, podemos verificar que, durante esse episódio, havia uma imagem mantida durante muito tempo sobre o Exército, imagem esta que se construiu a partir da idéia de que era o Exército um “antro de desordeiros e bandidos”. Tal idéia passou assim, por mudanças a partir do momento em que se originaram várias iniciativas das quais objetivaram rotular, qualificar, municiar e formar as Forças Armadas no contexto brasileiro.

Dessa forma, fruto do descontentamento de uma organização dos tenentes surge a Coluna Prestes como movimento político que se fazia contrário ao governo da República Velha e as elites agrárias. O movimento recebeu este nome, pois teve como líder o jovem capitão do exército Luiz Carlos Prestes. Esse movimento político-militar organizou tropas de soldados tenentes em marcha pelo Brasil pregando idéias revolucionárias e de extrema oposição ao governo, a fim de conquistar o poder e fazer reformulações na política do País em busca de melhorias. Movimento ocorrido no governo de Artur Bernardes, o qual segundo Anita Leocádia Prestes transcorreria desde o início sob estado de sítio permanente e sob vigência da censura á imprensa.

Como já frisado, os tenentes defendiam os valores de igualdade e solidariedade e tentavam se aproximar das pessoas nas comunidades que se encontravam excluídas. Assim, de acordo com Anita Leocádia Prestes, os rebeldes pretendiam substituir Bernardes por um político honesto capaz de “moralizar os costumes políticos”. Desse modo, o interior do Brasil se

encontrava como chave para se alcançar o objetivo tão esperado, pois queriam que a população se rebelasse contra o Governo e as elites agrárias e, viesse realmente a derrubar o mandato do presidente Artur Bernardes.

Os tenentes pregavam a moralização da administração pública e o fim da corrupção eleitoral. Queriam o fim do “voto de cabresto” e a criação de uma justiça eleitoral honesta. Defendiam um nacionalismo econômico e uma reforma na educação pública para que o ensino se universalizasse para todos os brasileiros, acabando assim, com a miséria e a injustiça social no Brasil.

No fundo, pretendiam dotar o país de um poder centralizado, com o objetivo de educar o povo e seguir uma política vagamente nacionalista. Travava-se de reconstruir o estado para construir a nação como indicado no estudo de (FIGUEIRA, 2001, p. 327)

Com essa intenção, o movimento da coluna prestes estimulou lutas a fim de pressionar o poder político da República que beneficiava uma pequena camada da população gerando indignação por parte daquelas camadas populares que não eram atendidas, principalmente os mais pobres. Dessa forma os movimentos de reivindicação foram cada vez mais ganhando força em diversas regiões do Brasil, atraindo para o movimento as populações mais insatisfeitas as quais estavam começando a usar as revoltas como forma de protestar contra o descaso do governo e os principais líderes que participavam da organização política. É preciso compreender que se tratava de um período de ação das novas camadas sociais de profissionais liberais formadores de opinião, dentre estas os militares.

Os militares percebendo o terreno fértil para instaurarem seus ideais políticos e conseguir dominar o poder da República, insistiram em proteger a moralidade Nacional. Nesse momento havia uma vontade imensa por parte da maioria das forças armadas e dos opositores, para mudar a mentalidade do povo contra o Governo, pois queriam conquistar a liberdade e expandir as possibilidades de atuação na vida social e pública do país. Era um contexto em que o clima de revolta e rebeldia que existia era enorme, principalmente, por parte da população urbana em todo o país contra os grupos políticos da situação.

A idéia de desenvolver o Brasil a qualquer preço estava sempre presente nos tendentes. Imaginando a centralização e o autoritarismo como bandeira política, sonhavam com a estabilidade necessária para o desenvolvimento econômico. Faltava-lhes, para ocupar o poder, a oportunidade, o fato político que pedisse uma “identificação” uma ação saneadora dos tenentes. (TREVISAN, 1952, p. 62).

Os militares justamente com os opositores do Governo, pregando os ideais de mudança, principalmente sobre as camadas mais pobres, mostrando os erros e as injustiças cometidas pelos líderes do poder, fizeram com que a Coluna Prestes se desenvolvesse cada vez mais e ganhasse mais espaço e aceitação por onde passava.

Com isso, aos poucos o povo tomava conhecimento da necessidade de mudança, embora este conhecimento e vontade de lutar estivessem limitados entre o medo da opressão do Governo e a rebeldia da Marcha. Do ponto de vista crítico, podemos dizer que não se sabia se o povo estaria sendo salvo da opressão do Governo ou se estaria sendo conduzida a outra forma de imposição política. O que se sabe é que este povo estava despertando para suas próprias indignações contra as injustiças.

A Marcha por sua vez, percorria todas as regiões onde seguia vitoriosa deixando os generais do governo espantados e desnorteados. Por onde seguia buscava realizar seus objetivos de conquistar o apoio das populações, mas sempre entrava em conflitos com as autoridades políticas de quase todas as regiões brasileiras. Isso causava estrago na estrutura de poder dos municípios.

Percebendo o desmoronamento da conjuntura política e o alastramento cada vez mais das ações da marcha da Coluna Prestes acontecendo em todo país, as forças governamentais tentaram se mobilizar em seu contrário mais não tiveram grandes resultados, por que ela contava com um grande destacamento agindo unido em várias regiões. Com um grande comando dos líderes das tropas, a Coluna se conduzia com um bom armamento e com relativa velocidade, por isso que o governo não conseguia combater a força dos rebeldes.

Dessa forma podemos dizer que a Coluna Prestes ameaçou os padrões das estruturas sociais e econômicas, pois atacava o regime oligárquico.

Segundo Anita Leocadia Prestes, a coluna Prestes foi uma epopéia brasileira, pois foi o modo extraordinário que os militares encontraram para sacudir o país, e entrar para a história brasileira ocasionando um episódio “culminante”, no qual os militares buscavam assumir a liderança das oposições, revelando-se capaz de formular uma proposta independente para transformar o país.

Outrossim, ainda segundo Anita Leocadia, a Coluna Prestes causou muitos estragos em diversas regiões, como a desestruturação patrimonial dos municípios pela qual passou, no entanto pouco conseguiu alterar o cenário político do país, mexendo na perspectiva do povo e do governo já que a situação da população continuou ainda muito desagradável.

Podemos considerar que apesar dos conflitos vivenciados pela Coluna Prestes, não se pode negar a validade política deste movimento, tratando-se de uma importante tomada de ações revolucionárias por todo o país. E, apesar das percas que se teve nas batalhas advindas do movimento, o cenário brasileiro conseguiu alcançar mudanças significativas, sobretudo, a contestação e crítica ao poder oligárquico dos coronéis que se enraizara no cenário nacional.

Assim, a política brasileira passava por mudanças que mesmo não sendo completamente estruturais, abriam espaço para se discutir a necessidade de avançar nas conquistas dos direitos do povo e deveres dos políticos. Mesmo que estas mudanças significassem pouco, diante dos problemas da sociedade brasileira, mexia com a do povo e a opressão do Governo. A Coluna Prestes seria neste cenário uma importante fonte dessas reivindicações.

2.2- Atuação da coluna prestes na Paraíba

A cada avanço da coluna Prestes rompendo as fronteiras dos Estados aumentava sua repercussão acorrentando acirradas discussões sobre os enfrentamentos com as tropas oficiais civis dos municípios. Na Paraíba aconteceram enfrentamentos e ataques em alguns municípios. No entanto, em quase todos os outros municípios havia um forte medo da Marcha dos tenentes, por parte dos moradores e autoridades locais, pois era disseminada a

propaganda de que esta passava destruindo e matando todos que estivessem em seu caminho. De todos os lugares dos quais passaram na Paraíba, o choque maior se deu em Piancó-PB, em função da resistência por parte do sacerdote, deputado Padre Aristides Ferreira da Cruz juntamente com os “seus homens”.

Essa passagem da Coluna Prestes por Piancó e resistência apresentada pelo Padre Aristides caracterizou-se como um dos fatos mais marcantes na história do Município de Piancó e da Paraíba e tem despertado a curiosidade de seus jovens moradores e dos estudiosos em geral.

Segundo Otaviano (1979), a princípio Piancó, não fazia parte da rota pretendida e traçada, quando da sua passagem pelo Estado da Paraíba, mas de última hora, devido a um desvio equivocado de percurso, a marcha acabou se aproximando do município.

O Padre Aristides teria sido informado que a tropa de tenentes estando nas proximidades era composta por poucos homens, situação que se mostrava possível para derrotá-los facilmente. Mas, a informação não procedeu como se dera. Ao contrário do que se informou, um grande número de homens soldados da coluna adentrou na cidade, sem pretensão de ataque. Todavia, por terem sido combatidos, travaram guerra àquele lugar.

Padre Aristides e seus amigos políticos e mesmo os adversários estavam enganados da eficiência dos rebeldes. Nem os dois oficiais da polícia nem o sargento Manuel Arruda tinham conhecimento preciso do montante das forças tenentistas. Todos foram combater na certeza de vitória. Tanto que o então sargento Arruda, tenente coronel reformado da polícia local, ao ver a vanguarda rebelde tentar entrar na vila, composta apenas de um oficial e poucos soldados, em atitude pacífica, se convenceu de que a história de não resistência dos revolucionários era real. Por sua vez os tenentistas também estavam certos de que Piancó não os receberia hostilmente.

O combate se deu deixando todos, tenentes e resistência local representados pelo padre Aristides e seus fiéis amotinados surpresos. Segundo Otaviano, quando começou o enfrentamento das tropas da Coluna com os aliados do Padre, este, julgando que o ataque tratava-se de um engano

por parte da força policial que acorrera em sua defesa, gritava e mandava ordens para cessar fogo gritando para os seus que não eram os revoltosos. Pensava o padre Aristides que estava sob proteção do contingente policial que viera fortalecer o seu grupo.

Os rebeldes prestistas fixaram uma linha de resistência, distante mais de uma légua de Piancó, dessa forma os seguidores do sacerdote e a força comandada não puderam resistir à marcha da coluna e acabaram por serem vencidos.

A luta foi terrível e contou com todo tipo de gente aliada do Padre, segundo depoimento do secretário de Carlos Prestes “fazia parti da tropa do padre Aristides um assassino truculento que estava cumprindo 30 anos de prisão e era seu capanga de confiança”. Todavia segundo estudiosos não é real a afirmativa. Nenhum sentenciado existia na cadeia, nesse tempo com penalidade de trinta anos. Entre os presos que os prestistas puseram em liberdade, havia um de nome Fortaleza que, de fato, era um indivíduo considerado de má procedência. Mas ali estava durante o combate por uma coincidência, vindo de Conceição, para a cadeia de Piancó que oferecia, mas segurança do que a daquela Vila, mas ainda não fora sentenciado. Dessa forma nunca foi capanga de padre Aristides. Pelo contrario quando posto em liberdade foi acolhido por fazendeiros do município inimigos do padre. (OTAVIANO, 1979, p. 132).

Ainda de acordo com o autor, o encontro inevitável aconteceu por volta das 08h00minh em 09 de fevereiro de 1926. Mais de dois mil homens revoltosos, conduzidos em cavalos recebiam a ordem para avançar contra todos, contra os chamados legalistas. Dois deles bem trajados e armados partem na frente e são recebidos a bala, pelo sargento Manuel Arruda que em um tiro certo, faz um deles tombar sem vida.

Estava desencadeado o maior confronto de todos os tempos da região colocando em ação cidadãos piancoenses e a polícia, no caso, os tenentes da Coluna Prestes. Minutos após o início do combate, já se computava 56 feridos de ambos os lados.

A invasão da casa de Aristides já estava consolidada com cenas de rebeldes arrombando as portas e janelas, se precipitando casa adentro e cumprindo a ordem de matar o líder e seus companheiros.

Abatida, porém, esta última resistência, os assaltantes da casa de padre Aristides se lançavam como feras sobre ele e os demais companheiros, rasgando-lhes as carótidas a faca, sob súplicas e desesperos loucos dos que iam morrendo e dos que faltavam morrer. (OTAVIANO, 1979, p. 16).

Chegando ao fim do combate restando apenas Pedro Inácio, que conseguiu sobreviver à chacina, pois conseguira fugir sem ser percebido mesmo assim, sua vida estava para sempre marcada por esse episódio, fora a única pessoa que sepultou os corpos dos companheiros que foram martirizados através da luta no combate ao Movimento da Coluna Prestes.

O padre Aristides e seus companheiros estavam enganados, quando pensavam serem os rebeldes prestistas ineficientes. Se soubessem sobre a força da tropa e sobre a quantidade de combatentes, não iria apresentar seu pequeno grupo de seguidores como contingente de resistência a um batalhão de cerca dois mil homens bem armados. Sua ação teria se dado em função de que:

Julgava ele com seus amigos que Piancó resistindo e combatendo os rebeldes, prestaria grande serviço à ordem pública e o governo o compensaria, dando-lhe todo o prestígio exigido por ele. Combinada essa medida, discutida às carreiras, ele já não pode reunir mais o elemento armado, de que dispusera, um dia antes, por já o ter dispensado. Lançou mal do que lhe foi possível reunir, espalhou por toda vila a idéia de defesa da terra, que era preciso evitar o saque desse, resto de aventureiro, convencendo mesmo a alguns de seus adversários que logo se armaram e, com ele, entraram em combate. (OTAVIANO, 1979, p. 133).

Não contando o Padre Aristides com boas amizades com o governo do Estado, o município de Piancó caía no esquecimento. Agindo o padre contrariando e criticando as autoridades e poderes locais, o município continuava parado e sem desenvolvimento. Assim, o padre Aristides para obter ganhos para o seu território e defender seus interesses políticos, oferece resistência à Marcha da Coluna Prestes, garantindo assim, prestígio junto o Governo do Estado que posteriormente o compensaria atendendo suas reivindicações políticas. Mas os planos políticos de padre Aristides não deram certo e, o município de Piancó foi apenas palco de um dos maiores confrontos entre população e soldados da Coluna Prestes no Brasil e na Paraíba, pois

embora a Coluna Prestes tenha percorrido várias cidades do Sertão paraibano, tais quais: Coremas, Patos, Santa Cruz, Santana dos Garrotes, Pombal, Sousa, conforme roteiro apresentado no mapa abaixo, nestas cidades não aconteceram conflitos armados. Nessas localidades os líderes políticos e a população não impuseram resistência à marcha rebelde. Abaixo segue em imagem o mapa da Coluna Prestes:

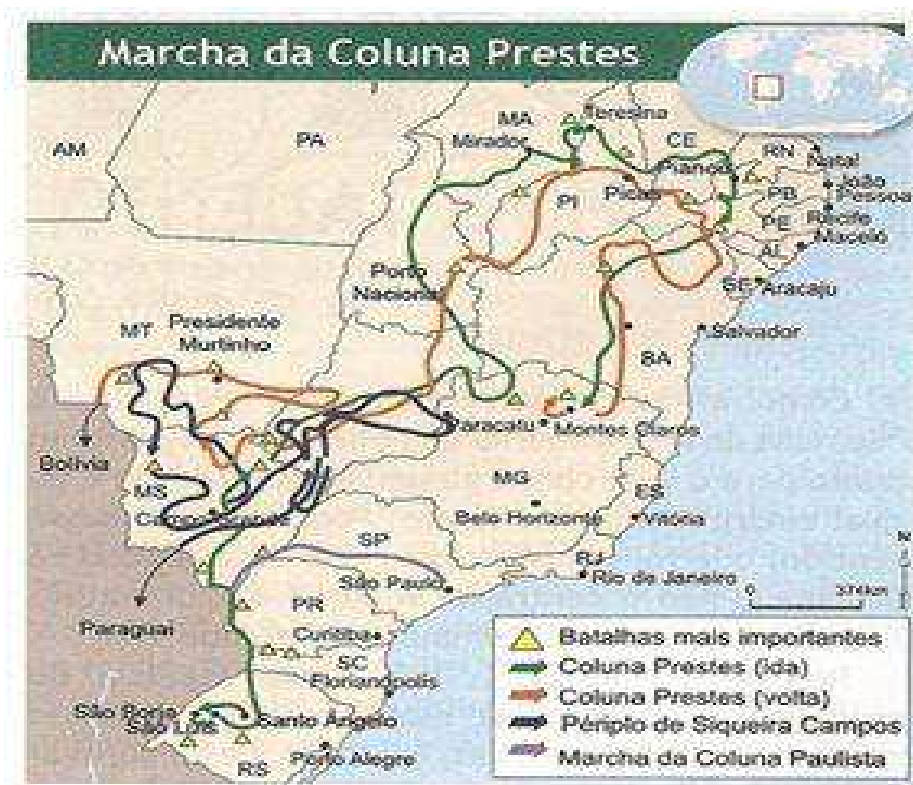


Figura 1 Mapa de percurso da Coluna Prestes. Fonte: Google Imagens.

Mediante os sangrentos conflitos como esse ocorrido no sertão paraibano, sobre os mandos dos líderes rebeldes, o poder republicano em 1922 se encontrava ameaçado o que fazia crescer o desejo de por um fim aos conflitos que se espalhava por todas as partes do Brasil nesse momento. Fazia-se necessário, pregar a paz, para que essa “revolução,” acabasse. Para tanto deveria haver um acordo entre as partes conflitantes. Essa atitude republicana acabou levando todo o país a terríveis episódios. Segundo, Otaviano, o exército oferecia cenas trágicas.

E sentir, como se tivesse diante dos olhos, todo o horror das cenas trágicas, oferecida pelo pequeno exército, ao rasgar as

caatingas, com os soldados exangues à falta d'água, arrastando-se curvados ao peso das armas e munições, e, à sua frente marchando a pé, o chefe destemido, Capitão Moreira, pequenino e franzino, alma rígida e impávida de herói. (OTAVIANO, 1979, p. 127).

Procurava a Coluna apontar o problema do povo brasileiro da época, submetido ao poder força e controle dos senhores chefes locais em todos os domínios de suas vidas. A pobreza era um fator agravante. Esse movimento de ordem revolucionaria se dava a todo vapor na sociedade denunciando à falta de moralidade e de organização nos seguimento políticos, sociais e econômicos representados por uma elite, um pequeno grupo que corrompia o país. O povo prejudicado por esta situação de domínio desta política do mando local somava ao seu sofrimento as perdas durante o conflito e enfrentamento com as tropas da Coluna.

Na Paraíba a Marcha percorreu as principais cidades do Estado a exemplo de Coremas, Patos, Piancó, Santa Cruz, Santana dos Garrotes, Pombal, e Sousa, etc. Enquanto passava os cidadãos se deslocavam de suas cidades para outras a fim de ajudar ou se esconder em sua vizinhança. Segundo estudiosos da Coluna Prestes, quando da passagem desta na Paraíba, encontraram um movimento conspiratório na capital e no Governo do Estado, que oferecia resistência a mesma como a verifica ao passar em Piancó:

Desde o Ceará, a Coluna Prestes passou a sofrer perseguição mais acirrada, pois as forças legais se encontravam reforçadas com o apoio dos coronéis, sendo que a partir da Paraíba a resistência da coluna tornou-se muito, mas difícil, pois, agora, além das tropas regulares uma série de “coronéis” do sertão nordestino empreenderam com suas tropas sertanejas a perseguição a coluna. (GUERRA, 1980, p. 19).

Podemos entender que a Coluna Prestes teve um forte impacto ao entrar na Paraíba, pois neste Estado às repressões à Coluna foram mais expressivas, de modo que os coronéis manipulavam o povo a acreditar que os rebeldes iriam destruir toda a cidade e para isso era preciso combatê-los. Pelo que se consta na literatura consultada, não havia ponderação por parte do povo paraibano, sobre a passagem da Coluna Prestes e os seus ideais, ainda que eles não correspondessem com a realidade. O medo abastecia as pessoas e, muitas vezes as encorajava para a luta. Dentre as várias possibilidades,

essa poderia ter sido um dos principais motivos pelos quais levaram os rebeldes a ter maior resistência no Nordeste brasileiro.

Após o episódio de confronto e mortes em Piancó segundo relatos de moradores conforme registro de Otaviano em sua obra “A Coluna Prestes na Paraíba: os mártires de Piancó”, os moradores de Piancó que sobreviveram por ter fugido para terras longínquas enfrentaram a profunda dor de perder seu povo e o padre Aristides que era querido por todos do município de Piancó. A tristeza tomou contados corações de muitos paraibanos. Para estes a dor teria sido provocada pelos rebeldes tenentistas os responsáveis pela chacina, que destruíra o município sem dor nem piedade.

Essa comoção social seria possível e justificável, devido o excesso de violência que causara instantaneamente a tragédia. Toda a população em geral, em face do apavorante morticínio e da rapidez avassaladora da ação violenta desencadeou surtos de ódio transformado em cobrança de punição, aos poderes públicos, que também tiveram seus poderes e suas morais ofendidas. Passaram então, a exigir o fim para a Coluna e julgamento a altura da intensidade da ação criminal que, segundo estes, atingira o mais alto grau de selvageria (OTAVIANO, 1979, p. 153).

Essa insatisfação e comoção alimentaram a disposição das autoridades em volta do movimento situacionista em frear a marcha dos tenentes pondo fim a oposição e crítica aos seus governos. Fato que ocorreu com a interrupção da Marcha e o suposto enfraquecimento da Coluna. Ocorrendo a divisão do grupo, onde metade foi para a Bolívia e outra para o Paraguai, em 1927.

CAPÍTULO III - MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DO PADRE ARISTIDES NO CONFLITO DOS PIANCOENSES COM A COLUNA PRESTES

Como abordamos no capítulo anterior, o Padre Aristides Ferreira da Cruz construiu uma trajetória marcada pela atuação no campo religioso como sacerdote e como político atuante na cidade de Piancó dos anos 1910 até 1920. Fazendo oposição a oligarquia da família Leite, o Padre atraiu adeptos e inimigos. Contudo, seu maior feito, aquele que repercute ainda hoje na história e memória do semi-árido do Vale do Piancó, tratou-se do confronto e combate que o mesmo travou, com a, então, famosa e ameaçadora Coluna Prestes que percorrendo todo o Brasil, chegou ao Estado da Paraíba entre os dias 5 e 11 de fevereiro de 1926.

Esse seu feito de grande repercussão política, significava para o padre Aristides uma demonstração de poder e força que o aproximaria da cúpula do Governo da Paraíba. A situação era favorável, no sentido de que oferecia condições a Aristides de se manter aliado a um dos mais influentes políticos da época, o Governador Epitácio Pessoa.

Seria, portanto, uma demonstração de apoio, que na política vigente resultaria em troca de favores e dividendos para as intenções e pretensões políticas futuras do padre, caso o mesmo não tivesse pagado com a própria vida sua nefasta investida. Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, ao estudar o controle do poder político pelas oligarquias na Paraíba e citando os trabalhos nessa linha de Victor Nunes Leal, salienta o seguinte:

Como afirma Victor Nunes Leal, o maior mal que pode acontecer a um chefe político municipal é ter o Governo do Estado como adversário (1975,49). Nessa condição, sofrerá pressões, desprestígio e não será aquinhoado com os favores estaduais. Apesar de não contar com o eleitorado de um coronel, a situação estadual pode lançar mão de outro instrumento bastante comum, que é a fraude eleitoral, com desaparecimento ou falsificação de atas, ou através da chamada degola. (FERREIRA, 1993, p. 23)

Como mostra a autora, a vida política no Brasil e na Paraíba era regulada pelos favores e arranjos familiares com pouco espaço para oposição. No município de Piancó, o Padre Aristides tinha se dedicado ao combate do domínio da prestigiada família Leite, o que o colocava na contramão da história. Assim, no momento da presença das tropas da Coluna Prestes em sua área de atuação, colocar-se como situacionista era um meio de conseguir atenção e consideração.

Percebemos que o momento era favorável para o Padre fazer um grande investimento político, no sentido de usar a Coluna Prestes como uma situação favorável para elevar sua imagem de guerreiro, lutar e conseguir prestígio frente às forças maiores do Governo do Estado. O situacionismo é nesse sentido um elemento chave que desencadeou o conflito de Piancó. Fato para o qual chamo atenção nesse estudo, procurando mostrar que a historiografia da temática não deu a devida importância a essa questão.

Segundo Manoel Otaviano, em seu livro “A Coluna Prestes na Paraíba: os mártires de Piancó” (1979), “Padre Aristides foi retíssimo, e mártir legítimo da legalidade e das causas sociais que defendia.” Foi um homem envolvido com a política e a religião, seu percurso na história de Piancó deixou profundas marcas das quais iremos discutir algumas delas ao longo deste texto.

Anunciamos, a priori, que não pretendemos neste estudo sobre a história e memória do Padre Aristides, fazer posicionamentos de juízos de valor, julgamento de prestígio ou desprestígio da sua pessoa e de sua atuação, o que nos interessa, na verdade, é mostrar sua trajetória na história da cidade de Piancó dos anos 1910 e 1920, a sua atuação na política do município e, especialmente discorrer sobre os motivos que o levaram ao confronto com a Coluna Prestes quando ocorreu a passagem desta pela Paraíba e, respectivamente pelo município de Piancó.

Sobre sua biografia⁷ sabe-se, que o padre Aristides era paraibano, filho dos agricultores Jorge Ferreira da Cruz e Joana Ferreira da Cruz, nasceu na fazenda Lagoa, município de Pombal, em 18 de junho de 1872. Sua vida foi

⁷OTAVIANO, Manoel. A Coluna Prestes na Paraíba; os mártires de Piancó. João Pessoa, Acauã, 1979.

datada de 1872 a 1926. Seus pais foram religiosos, mantinha forte apreço pela igreja católica, motivo pelo qual os levou a ingressar o filho Aristides no seminário. Mas antes de ingressar no Seminário do Crato ele residiu por vários anos no município de Catolé do Rocha, onde fez residência definitiva.

Ao iniciar os seus primeiros anos de estudos, cursou o primário no Colégio de Antônio Gomes Barbosa tendo como primeiro mestre o professor Antônio Gomes de Arruda Barreto. Conforme o historiador Otaviano, o padre Aristides não fazia parte do modelo “bom aluno”, à medida que não evidenciava empenho e interesse pelo Português e pelo Latim, de modo a expressar um vocabulário precário de eloquência. Consideravam-lhe um tanto abstrato, expressando, quase sempre, certas bobagens em seus diálogos. Não gostava de literatura, não apreciava poesia nem romances, em geral não era um aluno bem desempenhado nas disciplinas, como coloca Otaviano (1979, p, 35)

Não foi dos bons alunos desse curso. Não revelava interesse por se aprofundar em português, latim, etc. Também, não gostava de matemática, geografia, história etc. Dava as suas lições, não há dúvida, mas sempre advertido pelas lentes que, aqui e ali o castigavam a notas baixas.

Com o pouco aproveitamento do Padre Aristides nos estudos, uma vez que não tinha gosto pelas letras, nem por nenhuma área do conhecimento, seu pai resolveu interná-lo no seminário do Crato, no Estado do Ceará. E foi assim que quase tornou seminarista –, única inspiração dada pelos seus pais –, desejosos de vê-lo se tornar um padre, conforme coloca Otaviano. Contudo, em pouco tempo é transferido para outro seminário fundado em João Pessoa, lá aprende um pouco de francês e começa a lecionar.

Após ser considerado, pelos docentes do seminário, como um aluno de pouco interesse, inicia estudos de filosofia e teologia. Estas áreas do conhecimento foram às primordiais para despertar em Aristides um real interesse pelos estudos, interesse do qual altera sua imagem de aluno “desinteressado” para um aluno de consistentes raciocínios e capacidade persuasiva: “Foi assim, aos empurrões e as quedas que ele pode ingressar no primeiro ano de filosofia. Nessa matéria, porém, foi um dos melhores entre os seus pares.” (OTAVIANO, 1979, p. 35)

Como diz o autor, o aluno Aristides passa a tomar gosto pelos estudos e a se identificar com a lógica. Torna-se um ferrenho defensor de suas próprias idéias e das idéias de alguns filósofos para os quais tinha forte apreço ideológico, a exemplo de Aristóteles, São Tomás de Aquino e São Afonso. “Era, porém, embirante com os dogmas. Não tolerava peia aos seus juízos ou raciocínios” (Otaviano, 1979, p. 36). Apropriou-se de uma identidade única sendo considerado um seminarista exemplar, o melhor de seu tempo, muito embora não dominasse bem o português.

No dia 1 de Novembro de 1901, na Catedral da Paraíba, Aristides, na condição de diácono, recebe a coroa de Sacerdote das mãos de Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Diocese da Paraíba. Em 25 de Agosto de 1902 passou a assumir o posto de novo vigário da Freguesia na Vila de Piancó, onde iniciou triunfantemente. Segundo Otaviano, (1979, p. 42)

Não resta dúvida de que o Padre Aristides Ferreira da Cruz, ao ocupar o primeiro posto de sua vida sacerdotal, demonstrava possuir todas as qualidades exigidas em um bom ministro do senhor: muita fé, ardente desejo de servir à causa da Igreja, disposição para o trabalho, saúde, zelo e boa formação teológica. Era também um espírito empreendedor, remodelando templos, dotando-os de alfaías precisas, criando associações e tudo que fosse necessário para dar nova vida espiritual, elevação moral e progressiva, mesmo sob o ponto de vista material, ao rebanho humano que lhe fora confiado. Por isso ele dominou logo a gente de sua jurisdição, ao desdobrar sua capacidade de cura de almas.

Padre Aristides, desde então, passou a possuir um grande prestígio popular, fato que pode ter contribuído para seu ingresso e elevação no “mundo” da política. Portador de considerada popularidade somou seus “encantos” pessoais ao seu espírito revolucionário, o que lhe equivaleu a uma história de vida polêmica. *“O padre Aristides, durante dez anos de seu paróquiato viveu indiferente às injunções políticas de Piancó.”* (OTAVIANO, 1979, p. 62).

Pode-se deduzir que por dez anos o padre Aristides tornando-se conhecedor dos problemas da política do município resolveu tomar posição frente à política local se tornando ferrenho opositor da família Leite com a qual havia rompido por questões de diferença ideológica e também desentendimentos pessoais. Seu posicionamento crítico se manifestava com

forte expressão de oposição a escravização política do regime oligárquico. Ao mesmo tempo em que se firmava adversário e opositor da dinâmica de poder local, seu dinamismo assustava os integrantes da situação, pois estes eram cientes de que vencê-lo, com as mesmas armas, era praticamente impossível.

Conforme Otaviano (1979), seus opositores, em sua maioria correligionários do poder local da família Leite, estavam no comando do poder no município acerca de duzentos anos, sendo a única força política reconhecida:

A estirpe dos Leites nascia de velhos troncos que o Governo Central jogou para o Norte do país com o fim de colonizar a grande região, onde ainda dominava as tribos Cariris e suas manifestações, muito temidas por sua bravura e ferocidade. E, quando a conquista foi uma realidade, formaram-se linhagem de diversas famílias, cada qual firmando seu domínio, onde melhor pareceu nuclear a vida. (OTAVIANO, 1979, p. 50)

A Família Leite como pioneira desde a conquista e ocupação da região predominou seu poder por muito tempo na cidade de Piancó, filiando-se a outras forças políticas, sempre conseguia se manter no controle do poder. Conseguia manter um equilíbrio de força e influência entre o partido conservador e o partido liberal, fosse em Piancó, fosse na Paraíba e no Brasil.

Assim sendo, somava riquezas e prestígios. Não importava qual partido ou posição política pretendesse se aliar o que sobressaia a caráter era a estratégia que os mantinha como oligárquicos. “(...) os Leites, no sertão paraibano, foram à linha mais saliente em prestígio político e recursos materiais”. (OTAVIANO, 1979, p. 52).

Nestas circunstâncias, somente alguém com o prestígio e o reconhecimento adquiridos através da prática de sacerdote como o caso do Padre Aristides, conseguiria mexer consideravelmente com a posição predominante dos Leites. A atuação política do padre revelou uma forte briga política entre ideais que se opunham constantemente. Mas a atuação do vigário impressionava seus opositores os quais estavam acostumados a não lidar com oposições tão fortes.

Por se tratar de um opositor preparado, no sentido de ter a seu favor o posto de um religioso popular, para vencê-lo, os seus adversários políticos

partiram para as “apelações” típicas do contexto político da época (estratégias que se perduram até hoje), a dirigir acusações levianas sobre a vida pessoal do padre. Tratava-se de grandes ataques a sua honorabilidade, motivo pelo qual, em Julho de 1912 foi afastado do comando da Igreja⁸ pelo Bispo Dom Aduino, este que, por sua vez, justificou o afastamento do padre por desobediência as ordens decretadas pela Diocese da Capital.

Embora estivesse afastado do sacerdócio, o padre Aristides não despontava sentimentos afeito e rebeldia contra a igreja. Queixava-se da calúnia e da falsidade para com ele incididas de outras figuras políticas de Piancó. Mesmo assim, não desistia de seus ideais políticos, nem de pregar o evangelho nas horas vagas. Permaneceu lutando e defendendo seus pontos de vista a todo custo. Assim justificava sua ação: “homem sem liberdade não era homem: era escravo”. (OTAVIANO, 1979, p. 58). Assim pensou-se livre para viver suas condições de homem e político.

Padre Aristides, afastado de suas atividades sacerdotais viveu sua “liberdade” contrariado, motivo a mais na sua oposição aversão cada vez maior à Família Leite e as perseguições políticas, debelando-se contra as autoridades maiores da Diocese paraibana.

Preterido pela hierarquia da Igreja, acabou assumindo união com uma moça Chamada Maria José com a qual teve quatro filhos. Trocou a vida dedicada aos dogmas por um romance amoroso. Assumiu suas condições de amante às claras. Demonstrava não sentir remorso ou culpa, afinal estava justificando pelo ato que suspendera suas atividades religiosas.

Em um contexto social conservador, como se apresentava o Brasil e o interior da Paraíba em particular, o ato de renúncia aos dogmas eclesiásticos como o cometido por Aristides, o levaria ao desprezo e condenação pelo povo, mas este não foi o destino que tomou a carreira política do Padre Aristides, apesar de inicialmente ter sido gradativamente ignorado. Embora a polêmica se fizesse constante como marca da sua vida, a população expressava cada vez mais admiração e apoio as suas atitudes.

⁸OTAVIANO, Manoel. A Coluna Prestes na Paraíba; os mártires de Piancó. João Pessoa, Acauã, 1979.

A campanha política de Aristides foi traçada por conflitos, especialmente por ter partido de seus amigos de ontem, os primeiros e mais graves ataques de hostilidade contra a sua figura. Assim, o desejo de vingança do padre ainda era maior, tornando a disputa ainda mais acirrada, tanto que, tomou rumos diversos, alcançando o ápice de seus desdobramentos na política de Piancó. Calúnias e perseguições aconteciam para desmoralizar e diminuir a popularidade e aceitação do padre. E, igualmente, o padre Aristides “desfechou, impiedosamente, a clava das perseguições contra os seus adversários” (Otaviano, 1979, p. 77). Ele tendo um “temperamento indomável”, como define Otaviano, fez da política uma arma de defesa e vingança contra aqueles que lhe feriu a confiança, contra os seus maiores inimigos.

Travou-se o combate, assumindo proporções tão absurdas e vergonhosas que pena alguma, por mais intrépida que seja, será capaz de lhes descrever as minudências. Pode-se dizer apenas que o velho Piancó entrou na treva por muito tempo. Batalha de lama e de outras coisas... Que a pena se nega a escrever. Foi a maior de suas noites. (OTAVIANO, 1979, p. 65)

Assim sendo, enquanto os adversários contavam vitória; armavam emboscadas, planejavam armadilhas e estratégias partidárias contra o Padre Aristides, outro trunfo aparecia para favorecer ainda mais a aceitação dele frente à disputa política, qual seja, o apoio do renomado político paraibano da época, Epitácio Pessoa que também alimentava uma forte aversão a família Leite.

Esse apoio costuraria as alianças e acordos que o levariam ao parlamento no desafio de enfrentar as oligarquias locais. Assim, Aristides ganha êxito nas urnas, e, em 1915 foi eleito Deputado Estadual. Agora as rédeas da política piancoense, antes liderada pela Família Leite, estava em suas mãos. Foi reeleito, debaixo de muita polêmica e luta ferrenha, por mais duas legislaturas consecutivas. Já na sua última legislatura não consegue findar seu mandato, porque morre na chacina de Piancó.

O político e Padre Aristides enquanto homem do seu tempo teve uma história marcada por fatos agitados, conflituosos. A época em que viveu favoreceu a tomada de suas decisões, visto que o contexto da Primeira República no Brasil e na Paraíba era propenso para o ingresso à política,

muitas vezes sem instrução política alguma, a maioria movida por instrumentos religiosos. No entanto, ele se destacou e manuseando estratégias de poder ao seu favor conseguiu ser eleito e reeleito, tinha influência na política, e o poder de convencer as pessoas pela sua popularidade.

A título de memória cultural, a popularidade de Aristides alcançou um nível tão expressivo que até hoje sua imagem é tida como herói que morreu para defender seu povo. A população em grande massa o considera um homem que ultrapassou os limites do seu tempo e o fez um herói do sertão, defensor da justiça e dos amigos.

Padre Aristides foi, diante do contexto histórico-político da Paraíba do primeiro período republicano, um homem polêmico que em virtude de suas opções comandou os legalistas de Piancó contra os comandados de Luíz Carlos Prestes na Coluna Prestes. Este fato o insere no capítulo da história nacional das primeiras décadas da República com seus conflitos sociais e políticos.

3.1 O conflito em Piancó

A Coluna Prestes ao passar no Estado da Paraíba, enfrentou arriscadas revoltas agindo com muita violência aos que se manifestassem contra sua passagem e chegada aos municípios, conforme atesta os estudiosos da questão. Em Piancó região em que a Marcha esteve realizando um dos maiores dos seus ataques, os relatos históricos dizem que o confronto não estava previsto no plano de percurso da Coluna.

O percurso que os conduziu a Piancó teria sido incluído de última hora, haja vista que a polícia paraibana havia fechado, a mando do Governo e autoridades locais, quase todas as fronteiras do Estado à passagem da Coluna quando estava rumava ao Ceará. Otaviano (1979, p. 125) fala desse suposto imprevisto: “Bem sabemos que os revolucionários não visavam atacar a vila sertaneja nem, talvez, a enquadrasse no traçado do seu itinerário. Foram circunstâncias imprevistas que os levaram a esse rumo.”.

A Marcha esperava encontrar o caminho de passagem pela cidade de Piancó aberto, já que seu intuito era tão somente fazer sua passagem “pacífica” difundida seus ideais, mas foi engano. Foram surpreendidos com a recepção que tiveram, houve resistência por parte de uma pequena parcela do povo da cidade de Piancó, motivadas pela orientação de resistência do Padre Aristides, que representava um forte aliado ao Governo Federal contra as tropas prestistas, e em favor das tropas legalistas. Assim, armado o confronto, assistiu-se na pequena cidade no dia 09 de fevereiro de 1926 um episódio de confusão e pânico.

Embora o Padre Aristides mandasse propagar a notícia de que recebera, de que os revoltosos estavam reduzidos a menos de duzentos homens desmuniados, fingindo ao encontro com os legalistas, o povo não confiou nas suas alternativas. Desde o dia anterior as famílias começaram a fugir da vila, procurando abrigo nas serras, em algumas fazendas distantes e outros pontos que lhe oferecessem segurança. (OTAVIANO, 1979, p. 127)

Os caminhos por onde haviam sido cercados, existia uma sub delegacia na vila Boqueirão de Coremas que era uma espécie de posto contando com apenas 05 policiais em cada praça, sendo o mesmo percurso de caminho obrigatório em destino a Piancó. Entraram na cidade cerca de 2500 revolucionários. Eles foram divididos em dois subgrupos. Um dos subgrupos ficou acampado a poucas léguas de Piancó, na fazenda Santa Cruz, enquanto o outro ficou próximo a Coremas, na localidade de Estreito.

Dessa forma, fez-se o conflito, entrava em Piancó no dia 08 de fevereiro de 1926, uma frente da Coluna Prestes, que foi recebida por homens armados, supostamente enviados a mando do padre Aristides.

A Coluna tem uma imensa perda ao entrar em Piancó com a baixa de sua tropa do tenente Laudelino Pereira da Silva, que alvejado à bala caiu morto. Os rebeldes tendo sido informados de que o Padre Aristides era o mandante da morte do oficial, programam invadir Vila a fim de vingar sua morte. O padre tratou de resistir ao ataque ao lado de alguns homens.

Irados com a má recepção demonstrada pelos habitantes da Vila e principalmente com a morte do Capitão Pretinho, cuja vida "todo o Piancó, queimado, não pagaria", os homens de

Prestes se lançaram sobre o lugarejo dispostos a vingar a perda e punir os responsáveis pelo que consideravam uma traição. Em inícios da tarde, muitos dos defensores das cidades arranjaram jeito de fugir. Permaneceu apenas o grupo liderado, numa casa, pelo padre Aristides, sob intenso tiroteio. (OTAVIANO, 1979, p. 16).

Capitaneados pela figura do padre Aristides organizou-se uma contra ofensiva às intenções dos prestistas de invadir a cidade de Piancó como bem relata o texto acima. Os chamados “Heróis de Piancó” se lançaram no ataque aos seus “invasores”. Dando início ao que se teve como uma das maiores batalhas de resistência ou ataque à Coluna Prestes em toda a sua marcha pelo país.

3.2 O desfecho: violência e mortes

Uma controvérsia se instalou acerca de que lado teria partido o enfrentamento dos piancoeses com os soldados da Coluna, Segundo Sr. Dantas, figura mencionada pelo Padre Aristides, Otaviano, em seu livro “A Coluna Prestes na Paraíba; Os mártires de Piancó” (1979), os primeiros disparos foram da Coluna. Otaviano contrapõe o posicionamento do Sr. Dantas, afirmando que o primeiro tiro partiu dos piancoenses. O que se sabe é que foi a partir dos disparos, seja de qual lado tenha partido a iniciativa, que a história do confronto acontecido em 09 de fevereiro de 1926 tomou o rumo trágico e se caracterizou como um grande e aterrorizante conflito vivenciado pelos dois lados envolvidos.

Como já frisado em tópico anterior, houve, em Piancó, resistência à Coluna Prestes. Esta resistência foi mantida até as 14 horas do dia 09 de fevereiro de 1926, quando se deu um recuo dos piancoenses, motivado pela verificação da impossibilidade material, isto é, falta de munição e homens suficientes para delongar a luta. No entanto, os considerados homens mais fiéis seguidores do Padre Aristides continuaram lutando ainda por meia hora quando, para facilitar o ataque, os rebeldes atiraram granada na casa aonde se situavam aqueles que manifestavam resistência, mas com o ataque foram cercados e obrigados a recuar para o interior da casa onde estava o Padre. Em

fuga foram atingidos José Lourenço e João Monteiro. Este derradeiro, apesar de ferido, conseguiu sobreviver.

Abatida, porém, esta última resistência, os assaltantes da casa de padre Aristides se lançavam como feras sobre ele e os demais companheiros, rasgando-lhes as carótidas a faca, sob súplicas e desesperos loucos dos que iam morrendo e dos que faltavam morrer. (OTAVIANO, 1979, p. 16).

Estava desencadeado o maior confronto de todos os tempos, que minutos após já computava 56 feridos de ambos os lados. A invasão do recinto já estava consolidada com cenas de rebeldes arrombando as portas e janelas, se desabando casa adentro e cumprindo a ordem de pegar a unhas o líder e seus companheiros.

Otaviano, historiador do acontecimento, com quem estamos dialogando ressalta: “é preciso estabelecer a verdade, tal qual a narrativa dos combatentes que escaparam e os que conhecem todo desenrolar dos acontecimentos.”.

Dessa forma, Segundo o autor:

Padre Aristides tinha, em sua casa, no momento da invasão, doze homens, treze com ele. Os demais civis e militares estavam em outros piquetes, distribuídos na Vila (...). Apenas quarenta e quatro homens desprovidos de armas modernas, eficientes contra outras ligeiras e destruidoras como seja metralhadora de diversos calibres, como as que possuíam os revoltosos, com um efetivo de quase dois mil homens, parcela do exército comandada por oficiais de alta patente, e, de oito horas da manhã às duas da tarde, não consentiram que seu inimigo tão numeroso e bem aparelhado se aproximasse de suas guerrilhas. (OTAVIANO, 1979, p. 16).

E assim, com a pouca munição e os poucos homens, Padre Aristides e seus companheiros só vieram a se render quando suas munições estavam, de fato, todas esgotadas e assim não lhes restavam o mínimo de defesa. Com a entrada dos rebeldes à sala da casa de Aristides, embora encontrando resistência no corredor da casa, concentrou-se o início das maiores chacinas daquele episódio de luta e sangue.

Em seu relato sobre o acontecido com o padre o autor ressalta o fato de que mesmo apanhado pela avalanche sinistra e desumana dos seus opositores

o mesmo não esmoreceu e nem pediu complacência. Apenas em alto brandos pediu: “sei que vou morrer, mas peço apenas aos comandantes uma ligeira trégua, só enquanto rezo uma oração”. Pedido que foi negado mesmo em se tratando dos últimos momentos antes de sua morte.

O Padre Aristides e seus homens remanescentes viram-se arrastados da casa para um barreiro próximo. Sabendo que, certamente, iria morrer degolado, segundo o bárbaro costume de cangaceiros, jagunços, macacos, policiais militares e até soldados da Coluna que os chefes não logravam conter, Aristides insistiu em declarar-se sacerdote, ser o responsável por tudo e pedir clemência para os amigos. Pediu também que lhe dessem um tempo para rezar e se preparar para a morte. Isto lhe foi igualmente negado. (NOBREGA, 2010)

A ordem era para matar o padre Aristides e os seus homens, todos tratados como bandidos e assassinos. Segundo relatos oficiais e documentos mostrados pelo historiador Otaviano em seu livro, o Padre Aristides foi torturado e chacinado, junto com seus homens, e teriam sido conduzidos com vida até um barranco onde foram assassinados degolados.

O barreiro (que, obviamente, era cor de barro) logo se tornou inteiramente tinto do sangue do padre e de seus companheiros. Depois, um dos soldados chegou ao requinte de castrar Aristides e lhe enfiar os testículos boca adentro. Foi o padre Aristides o último a resultar executado, tendo assistido, portanto, à degola de todos os seus amigos/guarda-costas. Seu cadáver, segundo reza a tradição local, recebeu ainda muitos socos e chutes, golpes de punhal e cusparadas. (NOBREGA, 2010)

E assim, pela significância dos fatos, muitas pessoas, as mais antigas possíveis, de Piancó, relatam com extrema comoção que o barranco onde padre e os demais foram jogados, estava completamente tinto de vermelho:

No dia seguinte, pelas dez horas do dia, chegou a Piancó o pelotão policial, comandado pelo Major Viegas. Retirou do barreiro o Padre Aristides, com as carótidas cortadas, um grande golpe em uma das faces e uma punhalada na clavícula esquerda. (OTAVIANO, 1979, p. 145)

O desfecho trágico do confronto da luta do padre Aristides com os soldados da coluna Prestes, que redundara em sua morte, possibilitou o

registro da história do Padre, na memória da maioria do povo piancoense e, até de outras regiões, com um herói. Sua participação na luta com a coluna preste só conduziu a um lugar de destaque na história nacional e em uma das maiores batalhas da Primeira República.

No lugar em que foi realizado o assassinato do padre Aristides, considerado mártir do confronto foi construído um Memorial. Atualmente esse memorial se encontra desprezado, muitos moradores usam como depósito de lixo, o que é, ao nosso entender, um atentado à cultura de Piancó e de certo modo uma negação da história.

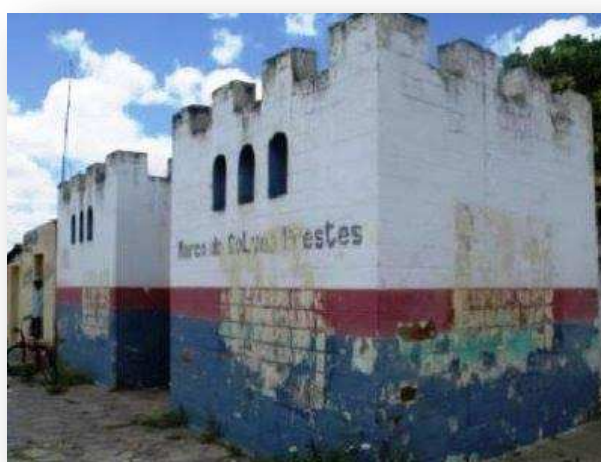


Figura 2 Memorial de Padre Aristides (Piancó, 2013). Fonte: Google

Um dos mais atuais intelectuais do Vale-piancoense, Franciraldo Loureiro Cavalcante esteve presente no local do trucidamento, com outros piancoeses tais como Gonzaga Rodrigues e Francisco das Chagas Lopes, fazendo levantamento das vítimas da Coluna Prestes em Piancó. Mas não se tem nada documentado judicialmente sobre o conflito em Piancó.

Assim, consideramos a passagem da Coluna Preste pela Paraíba, mais precisamente pelo Piancó, marca de um conflito imprevisto, haja vista que, como inicialmente colocado, Piancó não estava incluso na rota da Coluna, no entanto, foi um dos episódios mais marcantes da história política e militante da cidade. A expressividade chocante do trucidamento cometido contra o Padre Aristides e mais dezenas de homens que com ele lutava, talvez seja o principal

fator da história de Piencó ser contada com tal velo de representação heróica. A população, em sua grande maioria, idealiza a imagem de Aristides como um grande herói de Piencó.

Vimos com isso que parte da memória e da história da participação do Padre Aristides no conflito dos piencoenses com a coluna prestes, embasados, sobretudo, pelo estudo dessa questão, do historiador Manoel Otaviano que, a expressividade da história de Piencó está refletida em uma das mais significativas fases do período republicano, fase esta que pregava a derrubada das velhas estruturas do País para criar outras novas sem os vestígios das velhas autoridades, haja vista os reflexos ainda presentes na política, das velhas conjunturas sócias do país de 1910 – 1920.

A Coluna Prestes deixou marcas de sangue e gerou descontentamento por onde passou, sobretudo no Nordeste onde encontrou maior repressão por parte daqueles que ocupavam posição de poder e não cederiam por nada as idéias e inovações pregadas pelos rebeldes críticos e opositores das oligarquias. As propostas de mudanças trazidas pela Coluna significavam uma ameaça contra as oligarquias, já que pretendia transformar o contexto de opressão de poder vivido na República velha. A Coluna Prestes foi independente das conseqüências advindas de sua passagem pelo Nordeste, o primeiro movimento que as classes dominadoras não conseguiram vencer.

Do ponto de vista critico, podemos considerar que foi através da organização e do bom armamento dos quais possuíam, que Marcha, levou vantagens e até então uma grande inovação para o Brasil no qual se alcançou a vitória máxima. Esse fato deu à Coluna a possibilidade maior de driblar as tropas governistas. Além de que, como considera Anita Leocádia, esse movimento mantinha em si característica popular – fato também que facilitou seu êxito nas marchas realizadas.

Assim, a Coluna Prestes teve uma participação importante na construção da história do Brasil, na quebra dos velhos paradigmas e na instauração de novas constituintes. A validade dos seus resultados se destaca, principalmente, a partir desses fatos mostrados acima, de que as forças dominantes, por maior que fossem não conseguiram vencer as tropas

prestistas. Nesse sentido, o que está em jogo, para o nosso entendimento crítico sobre as contribuições e importâncias da Coluna, não eram as idéias dela, em si, mas o seu poder sobre as forças mais opressoras e responsáveis pelo atraso total do país. Derrotar as oligarquias representou um avanço significativo para o nosso país, pois sem elas seria mais fácil construir novos paradigmas sociais para o Brasil republicano.

Destarte, não se pode negar a validade dos acontecimentos mostrados pela historiografia, os efeitos deixados no imaginário popular e o fundamento da história enquanto produção cultural do meio. Tudo isto implica num valor significativo para a compreensão da sociedade brasileira. Mas, aqui queremos deixar claro que os estudos abordados precisam ser ampliados, as pesquisas que dão ao nosso Estado uma valorização científica e cultural maior

Sobre o episódio da coluna Prestes em Piancó-PB aqui percorrido, não se pode condenar o andamento do atraso oligárquico nem julgar o que alguns denominam como ações truculentas da Coluna Prestes. Cabe a nós um olhar crítico buscando uma compreensão dos fatos dentro do contexto social e político da região, da cidade e do Brasil das primeiras décadas da República o que nos leva a entender e apontar a necessidade de mais estudos e aprofundamentos sobre essa questão.

Dito isso, a abordada tragédia de Piancó se deveu a uma série de fatores dos quais se processaram no tempo de acordo com as condições e as situações que favoreceram o fato histórico representado pelo combate acirrado entre rebeldes da coluna prestes e os piancoenses. Entre essas condições, destacou-se como circunstância de maior relevância, o contexto político do Estado da Paraíba, assim como em todo o Brasil, envolvido numa conjuntura política, econômica, social e cultural oligárquica do qual colocava o Padre Aristides como um homem do seu tempo, movido por interesses e ideais favoráveis as suas conquistas, sendo esta uma razão pertinente para a abrangência de questões mais aprofundadas ante a contestação da sua imagem fincada de Herói. Assim sendo, quero ressaltar a necessidade de estudos que ampliem novos entendimentos sobre Aristides como homem do seu tempo, padre, político, polêmico e de contestável postura, agindo em benefício de seus interesses políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a literatura consultada, os autores trabalhados e as discussões realizadas ao longo dos capítulos, foi possível observar que a temática da Coluna Prestes é bastante ampla, no entanto, quando o foco se volta para a sua passagem pela cidade de Piancó-PB, a sua historiografia ainda se encontra poucas referências e desenvolvimento de estudos, sobretudo pautados em questões mais características referente a ambientização e contextualização das cidades interioranas da Paraíba.

Assim, abordar esta temática nos possibilitou compreender importantes aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais sobre o Brasil e da Paraíba Republicana e mais precisamente de mecanismos da política local e da conjuntura oligárquica demandada pela hierarquia coronelista, explorando e oprimindo o povo submisso às condições impostas pelos coronéis e políticos da época.

Vimos que o contexto histórico das últimas décadas do século XIX contribui para os grandes conflitos da Velha República, visto que com a expansão do capitalismo, a realidade problemática da sociedade ficou ainda mais visível, e, portanto, os primeiros indícios de revolta por parte daqueles que enxergavam possibilidades de mudanças através de movimentos, como a Coluna Prestes.

Observamos que muitas foram às formas de opressão e variadas foram às ferramentas usadas para manter uma pequena parte da sociedade no domínio do poder político e econômico, parte essa constituída por coronéis, políticos e famílias influentes, e, a maior parte desta sociedade constituída por pobres, negros e mulheres.

Outrossim, o domínio religioso também representava um forte mecanismo de atuação política. Quase sempre a força coronelista que encontrava no poder religioso *um cabo de mão*⁹ para realização dos seus mandos e desmandos, desse mesmo modo, os políticos encontravam nos coronéis a arma que precisava para manipular o povo e se instaurar no poder por longos e longos anos. Comumente, a figura religiosa era representada por padres das igrejas locais, e o coronel por um grande proprietário de terras e

⁹ Na linguagem coloquial o termo “um cabo de Mão” significa o domínio de poder dos coronéis como argumento para manipular toda a região.

riquezas. Ambos, de forma articulada, mantinham suas formas de domínio através da influência, fosse pela palavra, fosse pela imposição.

A cidade de Piancó-PB assim como outras do interior do Brasil, foi marco desses eventos de atuação oligárquica, assim também como palco de revoltas ocorridas em torno dos ideais de mudanças advindos de manifestações de oposição a exemplo, da marcha da Coluna Prestes que ocasionou um dos maiores fatos históricos do Brasil e da cidade de Piancó. Fato que a eleva à condição de cidade interiorana fonte de pesquisas e estudos sobre a temática, contribuindo com a sua identidade cultural perpassada por esse episódio.

O Padre Aristides é, nesse sentido, uma figura marcante na história de Piancó, homem do seu tempo, esteve inserido nesse contexto de oligarquia, de rebelião, de mudanças, a começar pelo seu trajeto na religião e na política – duas esferas que se colidiram e lavaram-no ao topo do seu percurso – o trucidamento de muitos piancoenses envolvidos em sua luta de interesses políticos.

Verificamos, que muitos dos relatos tidos sobre o Padre Aristides, diz respeito a sua imagem de herói, fincada no imaginário popular como uma imagem que dá à cidade de Piancó uma identidade cultural marcada pelo embate da Coluna Prestes que provocara agitações e padecimento de moradores, quando envolvidos na resistência organizada pelo, então, político e sacerdote do município, padre Aristides Ferreira da Cruz.

Assim, nos propusemos ao longo deste trabalho apresentar as formas e circunstâncias dentre as muitas questões, que levaram o padre Aristides ao enlace histórico da passagem da Coluna Prestes em Piancó, desenvolvendo uma pesquisa historiográfica. Esperamos assim, ter alcançado o nosso objetivo de estudar e apresentar, efetivamente, a história da Coluna Prestes na Paraíba, especificamente no trágico percurso da cidade de Piancó.

Entendemos que o nosso estudo abre possibilidades para novas pesquisas, uma vez observado que ainda é muito limitada a historiografia sobre a passagem da Coluna Prestes em Piancó. Para a execução inicial deste trabalho, nos valem dos referenciais disponíveis, mas ao nosso entender ainda limitados no que diz respeito à linha de abordagem adotada. O que implica em perspectivas de trabalhos futuros com enfoques em aspectos outros

como pensamos ter indicado nesse trabalho ao ressaltarmos a história do confronto do Padre Aristide com a coluna como uma escolha do mesmo, como uma ação consciente e interessada que o coloca na condição de agente e não de herói.

REFERÊNCIAS

AIRES, Jose Luciano de Queiroz. **Inventando tradições e memórias: a revolução de 1930 na Paraíba.** Dissertação (Mestrado em Historia). João pessoa: PPGH/UFPB, 2006.

CARONE, Edgard. **A República Velha II (Evolução Política).** Corpo e alma do Brasil. 2ª Edição. São Paulo, Editora Difel, 1974.

CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil contemporâneo 1922 a 1938.** 4ª Edição. São Paulo, Editora Ática. 1989.

CARVALHO, Marta Maria de, e SANTANA, Moraes. **Estrutura de Poder e intervenção estatal Paraíba-1930-1940.** Tese de doutorado. 1996.

Cultura e poder político: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana. Faustino Teatino Cavalcante Neto; Paulo Henrique M. de Queiroz Guedes e Martinho Guedes dos Santos Neto (orgs.). João pessoa, Editora Universitária – UFPB, 2012.

FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva. **História:** História da Paraíba, manual do professor. Volume único. João Pessoa, editora Grafset 2011.

FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria e da seca: o caso da Paraíba.** 1ª edição. João Pessoa, UFPB, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História, novo ensino médio.** 1ª Edição. São Paulo, Editora ática, 2003

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O Coronelismo: uma política de compromissos.** 8ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1981.

LEWIN, Linda. **Algumas implicações históricas de organização de parentesco para a família do Nordeste brasileiro.** (Tradução de Cléia Martins Pereira). Cambridge, 1979.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a política no Brasil:** as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Editora Vozes, 1981.

MELO, J. O. e A. **Sociedade e Poder Político no Nordeste:** O caso da Paraíba. João Pessoa. Universitária, 2001.

MELO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba:** lutas e resistências. 4ª Edição. João Pessoa, UFPB/Editora Universitária, 1997.

OTAVIANO, Manuel. **A Coluna Prestes na Paraíba**; os mártires de Piancó. 2ª Edição. João Pessoa, Editora acauã, 1979.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Estrutura de poder na Paraíba**. 1ª Edição. João Pessoa, Editora universitária, 1999.

SOUZA, Maria do Carmo Campelho. **O processo político-partidário na Primeira República**. 7ª edição. São Paulo, Editora Difiel. 1976.

TREVISAN, Leonardo. **A República Velha**. 1ª Edição. São Paulo, Editora global, 1982.

Artigo: **AS RELAÇÕES DE PODER NA PARAÍBA**: Raimundo Gonzaga Pereira; Alexandra Araújo Arimatéia; Fernanda Dias de Araújo; Maria Josineide Marques; Vinício de Medeiro G. Araújo. Retirado de: <http://coopex.fionline.com.br/images/arquivos/documentos/9.pdf> acesso em 01/08/2014

ALVES, Zeca. **Hoje, 86 anos da COLUNA PRESTES em Piancó, Quase Esquecimento**. Publicado em: 9/02/2012. Retirado de: blogdopadualeite.blogspot.com.br/2012/02/hoje-86-anos-da-coluna-prestes-em.html Acesso em 18/03/2014.

COPATTI, Livia Copelli. **A efetivação da cidadania através da participação no poder local**. PERSPECTIVA, Erechim. V.34, n.126, p. 85-100, junho/2010. Retirado de: www.uricer.edu.br Acesso em: 30/05/2014.

NÓBREGA, Evandro Dantas Da. **Coluna prestes em Piancó (PB): novos dados**. Publicado em: 09/02/2010. Retirado de: www.recantodasletras.com.br/artigos/2078102 Acesso em: 26/03/2014.

CÂNDIDO, Antônio. **A revolução de 1930 e a cultura**. Publicado em: Porto Alegre 10/10/1980. Retirado de: www.ebah.com.br Acesso em 24/02/2014.

PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna prestes uma epopéia brasileira**. Revista de História. Publicado em: 19/9/2007. Retirado de www.revistadehistoria.com.br Acesso em: 18/03/2014.

Coluna prestes em Piancó. Retirado de: otaviosaleitao.tripod.com/id31.html Acesso em 18/03/2014.

Padre Aristides. Retirado de: otaviosaleitao.tripod.com/id28.html Acesso em 18/03/2014.

WEBMASTER. **A coluna prestes**. Publicado em 26/03/2009. Retirado de: pianco.pb.gov.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=1 Acesso em 18/03/2014

WEBMASTER. **A passagem da coluna prestes por Piancó.** Publicado em 09/02/2010. Retirado de: pianco.pb.gov.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=421&Itemid=2Acesso em 18/03/2014.

História do Brasil. Mapa: **marcha para a coluna prestes.** Disponível em terceiraopensandoaltohbr.blogspot.com.br/ Acesso em 08/08/2014.

Mapa: **coluna prestes.** Disponível em: prestesaressurgir.blogspot.com.br/2009_10_01_archive.html Acesso em 08/08/2014.